

## Infância. Distância.

Rui Magalhães

### Resumo

A infância, mais do que um determinado tempo situado no passado, é um lugar a que não temos forma alguma de acesso. Envolvido em mistério, constitui uma permanente fonte de atracção para o adulto que vê nele o mistério profundo. Na verdade, o lugar da infância é simplesmente aquele onde o real se manifesta de forma integral sem a mediação da visão mundana em que as coisas foram reduzidas ao papel de meros objectos.

**Palavras-chave:** infância; mistério; real; maravilhoso.

1

*Quando somos crianças o mundo enche-nos, é toda a nossa vida.  
Não podemos resistir-lhe. Nem precisamos.*

Karl Ove Knausgård

*Tinha sete anos. Entre mim e os outros não havia distância.  
Eu era tudo e todos.*

Teixeira de Pascoaes

## Infância e mistério

### O mistério da infância

Há na infância algo de tão misterioso, que durante todo o nosso tempo de existência nunca conseguimos reconhecermo-nos inteiramente nesse período, de tal modo que essa figura que vemos em fotografias, esse ser cujas diabruras nos contam, surge-nos sempre como estranho e somos marcados pela incredulidade de que exista uma verdadeira identidade entre nós e esse outro ser. Temos, certamente, algumas memórias, uns mais, outros menos, mas nada nos pode assegurar a fiabilidade

dessas memórias. Em boa medida, o que subsiste é uma certa confusão de memórias reais, de fantasias resultantes do que nos foi contado, e outras fantasias que fomos elaborando por nossa própria conta a partir de uma ou outra recordação real, ou, às vezes, de pura ilusão.

Como, de facto, reconhecer nesse pequeno ser que vemos numa fotografia dos nossos primeiros anos, o mesmo indivíduo que somos hoje? Como admitir uma pura continuidade entre os dois quando, aos nossos olhos, tudo é radicalmente diferente? Sou eu que estou ali ou é um outro? Mesmo que seja um outro eu. A continuidade afirmada e reconhecida pela nossa racionalidade é algo que pode enternecer-nos ou repugnar-nos, ou nem uma coisa nem outra, simplesmente intrigar-nos ou provocar uma certa dose de riso. Mas estas reacções são apenas as mais imediatas. Depois, há quase necessariamente a tentação de integrar essa imagem e todas as que lhe estão associadas na unidade da nossa existência. Então, deixamos de olhar as fotografias, esquecemos o que nos foi contado, abandonamos o lugar em que nos encontramos e lançamos o olhar para trás, tentamos remontar na linha de tempo até o mais longe que nos for possível, em resposta à necessidade de anular a estranheza em que mergulhámos e reconstruir a unidade da nossa existência que foi quebrada pela emergência dessas recordações.

Porém, podemos perguntar: se as recordações que temos da nossa infância estão necessariamente sob suspeita, deveremos confiar nesse olhar que viramos para trás e no que eventualmente poderemos trazer de volta?

Há muito que fomos alertados para o perigo de olhar para trás, do risco de cristalização contido nesse gesto, como se pode ver no mito grego de Orfeu e Eurídice.

Há algo disso no movimento efectuado pelo indivíduo que busca reassumir a natureza da sua infância. Esta espécie de dobra sobre si mesmo constitui, simultaneamente, um perigo mortal e um acto absurdo na medida em que procura pôr em contacto dois mundos distintos separados por uma linha divisória imperceptível, mas indiscutivelmente real.

Todos estamos – uns mais, outros menos – empenhados nessa estranha arqueologia: a recuperação e interpretação dos vestígios da nossa infância. Para uns, diria para a maioria, esta atitude não é tanto provocada por um interesse específico na infância, mas pela necessidade que sentimos de construir uma imagem completa da

história da nossa existência, necessidade que ocorre com mais frequência na velhice.

Outros, dotados de uma alma mais poética, podem interessar-se pela infância em razão, talvez, do maravilhoso que nela vislumbram, tal como se imagina a infância da humanidade no Jardim do Éden.

Em ambos os casos, a tarefa é condenada ao fracasso. No primeiro caso, porque a construção resultante é artificial e essencialmente retrospectiva. No segundo caso, porque o que vemos como maravilhoso não é necessariamente o que a criança vive, mas o modo como vemos o que ela vive, incapazes que somos de repetir a sua experiência.

### **Um terceiro impulso**

Mas poderemos, talvez, imaginar um terceiro impulso para a infância, um impulso inteiramente distinto dos anteriores, um impulso que os toma em consideração, mas compreende o quanto eles estão contaminados pelo mundano e como conduzirão inevitavelmente ao fracasso. Esse impulso não é um olhar para trás. Mais do que isso, ele não reconhece a diferença entre o olhar para trás e o olhar adiante. Sabe que estes movimentos são não só complementares, como idênticos na sua natureza intrínseca. Não se move no tempo, mas numa peculiar dimensão do espaço. É um impulso de carácter ontológico.

3

Este impulso não busca recuperar a infância realmente vivida para reconstituir uma ilusão de continuidade, nem para mergulhar ingenuamente num maravilhoso de que verdadeiramente nada sabe. O seu objectivo é o de reconhecer uma via distinta do mundano, a possibilidade de uma existência não submetida a nenhuma finalidade, a nenhum sentido pré-determinado, a nenhuma lei, a nenhuma definição do humano. Ele procura surpreender o lugar onde acontece o que acontece na infância; não na minha ou noutra qualquer em particular, mas na infância enquanto modo de ser. Como algo semelhante à liberdade inconsciente do animal. Este movimento em direcção a este lugar que não se sabe onde pode ser encontrado é a chave para a existência livre, para uma vida que não distingue o real do imaginário porque nesse lugar não existe nenhuma linha de separação entre um e outro.

Não se trata, pois, neste terceiro impulso, de recuperar a infância, mas de aceder a um lugar que está simplesmente subterrado pelo sistema, mas não destruído. Ele

permanece vivo, embora adormecido. Há traços, vestígios cuja origem exacta não se conhece, mas que remetem para experiências distintas das que o indivíduo tem no seu dia a dia e que lhe trazem lembranças instantâneas de algo que foi vivido. Não é o indivíduo que as procura; são elas que vêm ter com ele de uma forma súbita e inexplicável. São estas as recordações que, no dizer de Karl Ove Knausgård, «não se fixam e não se deixam evocar voluntariamente, mas se libertam de quando em vez e assomam à consciência por iniciativa própria» (Knausgård, 2015, p.15). Encontramos a mesma ideia em Teixeira de Pascoaes:

A infância não morre. O anjo que somos, nos primeiros anos, jaz, como enterrado, em nossa memória. Às vezes, acorda ao contacto duma voz familiar ou de qualquer lembrança, vizinha e contemporânea, casualmente reanimada. (Pascoaes, 1995, p. 130).

Memórias deste tipo são não sei se as mais fiáveis, mas em todo o caso, as mais produtivas. São elas que nos fazem entrar num espaço absolutamente diferente que não é uma mera rememoração de um já experienciado, mas de algo que está bem para lá de toda a experiência que pode ser alcançada pelo adulto que somos. É esta experiência que nos move para um lugar que nem sempre podemos compreender, de que não nos podemos apropriar, mas que nos liberta subitamente do peso quer da nossa responsabilidade de racionalidade, quer da falta que nos faz, em outras circunstâncias, tentar recuperar o que já foi.

### **Infância e animalidade**

A criança está mais perto do animal do que do adulto. A diferença é que o animal permanecerá nesse estado – o ‘Aberto’ de Rilke – enquanto a criança está condenada a abandonar essa natureza. Educar é arrancar à animalidade. Dessa educação faz parte essencial a aprendizagem de que a violência da educação constitui um passo necessário à obtenção da liberdade própria do ser humano e que o animal supostamente não possui, determinado que está pelos condicionalismos biológicos. O que não se diz é que esses condicionalismos não significam uma ausência de liberdade, mas a própria liberdade concreta, não a liberdade abstracta a que o homem aspira e julga adquirir através do seu desenvolvimento.

## A educação

Esta experiência da infância, ao contrário da que é voluntariamente recuperada pela memória, é essencialmente ilocalizável.

Esta dificuldade em localizar a experiência, que emerge subitamente, resulta, em grande medida, do facto de, desde muito cedo, esse universo ter sido contrariado pela educação, de tal maneira que esses dois modos radicalmente opostos de ser coexistiram na vida da criança até à vitória progressiva da educação acabar por subterrar a experiência cósmica, aquilo que foi vivido antes da queda na entrada no mundo. Pascoaes identifica a experiência da infância com o 'tempo' anterior à queda. Também este não pode ser procurado, mas irrompe igualmente de modo instantâneo na mente humana.

A educação, a formação é sempre uma violência; a educação lúdica é uma fantasia. Educar é conduzir e, neste caso, conduzir só pode significar conduzir para fora, para fora da continuidade, para fora da indistinção. Educar é destruir a criança fazendo dela um humano adulto, sujeito a regras exteriores que tem de cumprir independentemente do que possa pensar delas. Educar é transformar a criança em camelo<sup>1</sup> mas o mundo é o lugar dos camelos e não há nisso nenhum tipo de insulto: é apenas a realidade – certamente triste – das coisas, uma realidade que não pode jamais ser alterada.

5

Ao contrário do que pensa Nietzsche, a criança não é a última das transformações: é o que está antes de tudo se ter conformado à ordem. Após ter sido educada, a criança pode transformar-se em leão ou camelo, ou seja, pode opor-se àquilo a que foi forçada a submeter-se, mas a liberdade que poderá obter por via dessa transformação não lhe trará de volta o universo original. Apenas fará dela um sujeito de revolta, de ressentimento, ou, na melhor das hipóteses, de resistência.

A violência da educação não é, pois, algo de circunstancial, mas a própria essência da acção que visa arrancar a criança ao seu lugar e criar as condições para a sua entrada no mundo dos adultos. É com base nesta violência original que o mundo criará as suas fronteiras, os muros que o defendem de tudo quanto o pode ameaçar. Ele irá exercer essa violência contra todas as formas de diferença, contra todos os eventuais desvios.

---

<sup>1</sup> Refiro-me às três metamorfoses do espírito apresentadas por Nietzsche em *Assim falava Zaratustra*: «Três metamorfoses do espírito vos vou indicar: como o espírito se transforma em camelo, e o camelo em leão, e o leão, por fim, em criança» (Nietzsche, 1996, p.28)

Como escreve Bachelard, «A infância conhece a infelicidade pelos homens. Na solidão a criança pode acalmar seus sofrimentos. Ali ela se sente filha do cosmos, quando o mundo humano lhe deixa a paz» (Bachelard, 1996, p. 94).

As formas de educação 'brandas' geram um mundo relativista, isto é, um mundo que não é capaz de afirmar seja o que for. Isso, porém, não representa uma violência menor. Ao contrário, a violência dita democrática é mais intensa e mais impositiva do que qualquer outra precisamente porque parece não ser impositiva. O indivíduo, ao contrário do que pode acontecer em sistemas ditatoriais, torna-se ele mesmo defensor do sistema no qual vê a fonte e a defesa da sua liberdade, sem compreender que se trata de uma ilusão de liberdade.

A educação branda produz seres que não são verdadeiramente adultos nem crianças. É um mundo em que, ao que parece, tudo depende de uma opção individual. Inclusivamente, o 'direito' de ser explorado, coisa que tende a ser esquecida em nome de valores supostamente fundamentais, mas que, na realidade, são de uma banalidade atroz.

6

## **Nietzsche e o recomeço**

A concepção nietzschiana da criança tem algo a ver com isto a que chamei o terceiro impulso: o homem que abandona a ordem do mundo, mas não busca instaurar nenhuma espécie de nova ordem. Em Nietzsche, todavia, a criança é o início de um mundo novo, de uma ordem nova que se distingue da anterior apenas porque é instaurada pelo próprio indivíduo. A criança é, para Nietzsche, o reinício do mundo, livre talvez da moral, mas não livre da sua própria força, do seu próprio poder, do mundo que ele próprio instaura. A criança de Nietzsche é um novo leão.

Todo o pensamento de Nietzsche está determinado pela ideia de recomeço. Essa é a sua fraqueza fundamental.

## **A natureza da infância**

### **O que é a infância?**

A infância é aquele lugar onde não se pergunta jamais 'o que é a infância?', e isto não porque a criança não possui linguagem, mas porque, mesmo que a possuísse, nunca lhe passaria pela cabeça formular uma tal pergunta.

A criança não é 'criança'. 'Criança' é o nome que lhe dão os que são diferentes, os que já perderam essa condição porque não se sai da infância; a infância é um lugar que se perde e que nunca se recuperará.

À criança 'falta' a distância entre ela e o objecto, o espaço que é ocupado pelo nome e pelas representações do objecto e do próprio sujeito. O nome, para a criança, é algo de mágico, como parece ser em certos povos primitivos, e não funcional. Não indica uma função, mas uma natureza.

### **Experiência pura**

A infância é o lugar da experiência pura, isto é, daquela experiência que não é experiência da experiência, ou seja, experiência mediada por uma consciência da experiência. Por isso é irrecuperável. Tentar retomar a infância é dobrar a experiência original sobre ela mesma num lugar que lhe é estranho.

Na infância não existe distância entre o eu e a experiência. O eu coincide inteiramente com a experiência. Não existe meio de abandonar a experiência para olhá-la ou dizê-la.

O abandono da infância significa o afastamento em relação à experiência, o desdobramento entre a experiência e a percepção da experiência. Este afastamento é também a distanciação entre o eu cada vez mais cristalizado e o que lhe é exterior que passa a ser objecto de apropriação. No adulto, a sua própria experiência e tudo o que lhe é exterior são da mesma natureza – são objectos – e, por isso, são apropriáveis.

O tempo nasce da separação entre o eu e a exterioridade. Tempo é o resultado da distância que existe entre o eu e cada uma das exterioridades, ou seja, o movimento que é necessário efectuar para alcançar o objecto exterior.

Um ente que tivesse a possibilidade de permanecer estático, livre de qualquer desejo, necessidade, ou fantasia, estaria fora do tempo. Seria imortal porque a morte não seria algo a acontecer-lhe, mas um acontecimento totalmente exterior que, dadas as características deste ente, seria inteira e absolutamente inexistente para ele. Por conseguinte, os acontecimentos da infância dão-se à margem do tempo, ou melhor, fora do tempo. O espaço é primeiro em relação a qualquer forma temporal.

A criança está ligada às coisas – que não são ainda propriamente objectos. Trata-se de ligações directas que não carecem de uma causa perceptível nem dependem

de qualidades e que são, para o adulto, frequentemente incompreensíveis uma vez que não se fundam em qualidades. O que motiva a criança para uma determinada coisa não são as qualidades dessa coisa, mas uma conexão súbita que se estabelece entre ela e a coisa. Assim se compreende que algo que ocupa completamente a criança num determinado momento lhe seja totalmente indiferente num outro momento. Evidentemente que isto não acontece com todas as coisas. A criança frequentemente tem coisas preferidas. Estas coisas são aquelas em que a criança reconhece uma conexão particularmente intensa que não depende das qualidades que o adulto reconhece nos objectos; os valores adultos são absolutamente estranhos à criança.

Ao mesmo tempo, pode acontecer que estas coisas sejam já proto-objectos; afinal, a criança está num processo de crescimento e de maturação que a levará a inserir-se no mundo dominado por objectos e por qualidades dos objectos.

### **Infância e paganismo**

8

O processo mais comum para arrancar a criança à sua natureza própria consiste em fazê-la entrar num mundo religioso que é, obviamente, a preparação para o mundo em que há-de vir a integrar-se futuramente. A criança não precisa de re-ligar-se; ela está já ligada. A religião deve ser entendida, aqui, no sentido monoteísta.

A criança é, por natureza, pagã. A sua comunhão com tudo o que lhe é exterior é a forma pagã de viver. Também a sua fascinação com tudo o que é vivo, com tudo o que mexe, com tudo o que é dinâmico remete para o paganismo, para a multiplicidade infinita de deuses, para o caos primordial em que tudo é ligado a tudo.

A iniciação religiosa que começa muito cedo implica a destruição de tudo isto e a redução do mundo vivo da criança a um mundo hierarquizado e submetido a uma ordem essencialmente moral. A criança, que espontaneamente estende a mão para tocar, retrai-se por efeito do olhar de um ser invisível, mas que tudo vê e tudo vigia. Assim nasce o medo no coração da criança; assim se rompem as ligações pacíficas e belas com a natureza e com todas as coisas não hierarquizadas. As religiões monoteístas representam a vitória da hierarquia sobre a liberdade, o domínio do vertical sobre o horizontal, do tempo sobre o espaço.

A religião significa a destruição da infância, a sua primeira submissão ao que lhe é profundamente estranho.



## Infância e Éden

Como já se insinuou atrás, a infância mantém sugestivas semelhanças com o Paraíso e a passagem ao estado adulto, por via da educação, à Queda. Estas semelhanças são enfatizadas por Teixeira de Pascoaes que faz delas mais do que semelhanças, uma identidade. A infância é uma espécie de presença do Éden no universo pós queda.

Para Pascoaes, a infância é o «estado angélico e perfeito» (O verbo escuro, p. 131) e é equivalente ao Éden:

Já ouvistes cantar um passarinho, de manhã? Há, no seu canto, o que quer que é de milagre que pinta, de novo, as cousas. Sente-se a infância, o Éden... (Pascoaes, 1995, p.59).

Com efeito, a continuidade própria da infância é idêntica à não separação que caracterizava o Éden. Veja-se como Pascoaes se refere à experiência da sua infância:

Entre mim e as coisas mediavam íntimos e fraternos sentimentos, que eram elas continuando-se no meu ser; ou era ele a prolongar-se em árvores, montes e penedos [...] Eu não tinha ainda esta existência individual, definida ou isolada num pequeno espaço material. (Pascoaes, 2001, p. 65).

9

## Aceder à infância

### Memórias da infância

A memória da infância, isto é, as lembranças que o adulto possui dessa fase da sua vida, é um constructo que depende da natureza da própria vida adulta, é, pois, o resultado de um filtro que exclui o que nunca foi significativo em qualquer momento da vida adulta. O que permanece é o que de alguma maneira se liga ao adulto, às suas preocupações, aos seus fracassos e aos seus êxitos. O resto não permanece porque não tem maneira de permanecer vivo, não tem nada a que ligar-se de modo a assegurar a sua subsistência.

De facto, da infância não há testemunhos directos. Apenas alguns indirectos como fotografias. Mas mesmo estes são elementos adulterados pela pose. Isto observa-se, sobretudo, em retratos antigos, onde a criança surge integrada num quadro que lhe é completamente estranho. Estes testemunhos dizem-nos muito pouco acerca da

infância, mas muito acerca do modo como a infância era vista. Tudo o que possamos dizer acerca da infância tem de seguir a via oposta à do que é testemunhado pelos restos que persistem, por esses falsos testemunhos que apagam a natureza própria da infância. Temos, de algum modo, de imaginar o que não nos é mostrado nem pelos testemunhos indirectos, nem pela nossa própria memória e, em vez de recorrer ao auxílio de testemunhos, utilizar uma aproximação analógica que põe em jogo seja o animal, sejam certas actividades humanas em que a lei e a lógica são ultrapassadas ou, pelo menos, parcialmente esquecidas.

### **O incomparável e o irrecuperável**

A infância é o mais distante e o mais estranho. É incomparável. Não a podemos comparar com nenhuma outra fase da nossa existência. Esta incomparabilidade está na base da estranheza profunda que sempre a nossa infância provoca em nós.

A infância é, também, irrecuperável porque existe fora do nosso tempo. Não podemos regredir até um tempo anterior como o podemos fazer em relação a todos os outros momentos da nossa existência. A infância não pertence à nossa história. Não é verdadeiramente nossa.

Há, no adulto, a tendência à apropriação da infância, como há em relação a tudo o que é exterior. Essa busca de re-apropriação da infância como se esta fosse um tempo obscuro e estranho da nossa vida é consequência da necessidade de domínio que é a natureza ontológica da nossa existência. Sentimos que a infância falta na nossa história, que é um período incerto e de certo modo rebelde que importa dominar para sermos nós mesmos. Mas esse impulso não faz mais do que integrar violentamente num todo algo que não é parte.

A nostalgia da infância é a nostalgia do não ser, isto é, do não ser eu, do não ser obrigado a dominar, a nostalgia do repouso. Paradoxalmente, só através do domínio isso é realizado.

A distância entre o indivíduo e a sua infância é tão grande, que se torna assustadora, parecendo ser algo que só parcialmente ou ilusoriamente lhe pertence.

Tudo o que era movimento torna-se estático. Tudo o que era vida, torna-se história. Tudo o que era múltiplo, torna-se uno. Tudo o que era singular, torna-se comum. Eis o resultado da tentativa de recuperação da infância pelo adulto.

## **Experiência e vivência**

Recuperar a infância implica o apagamento da realidade da infância e a sua substituição por uma memória que liga a experiência real da infância a uma vivência que pertence apenas ao adulto. Reconstrói-se, deste modo, um lugar na forma de um tempo, um real na forma de um objecto, a criança na forma de um sujeito. Na verdade, as lembranças que temos da infância são memórias em segunda mão, quer dizer: são memórias de momentos anteriores em que esses factos foram lembrados.

### **A nossa infância e as outras infâncias**

Se acerca da nossa infância nada temos a dizer, já acerca das outras temos sempre uma opinião a emitir. Por norma, o que temos a dizer constitui uma negação da estranheza e a tentativa de fazer entrar a criança numa imagem compatível com o que pode ser compreendido como objecto, o que pode ser integrado numa ordem da qual auferimos a nossa própria realidade.

## **Infância e velhice**

A velhice, como tempo relativamente desligado do mundo, traz à realidade a imagem da infância. Não é preciso que se esteja já na chamada segunda infância; basta que se tenha consciência real de que o tempo escasseia.

A velhice, talvez para compensar a sua natureza de perda, tende a olhar para trás e a tentar criar uma história coerente da existência do indivíduo. A infância surge, neste contexto, com dois valores distintos: como o paraíso perdido, aniquilado pelo estado adulto, e como uma época que é absolutamente necessário recuperar para dar consistência à história da vida.

Porém, esse esforço de regresso ao tempo da infância é um exercício marcado pelo fracasso e, simultaneamente, pela criação de imagens míticas. Fracasso, porque a infância resiste admiravelmente a esse processo de reintegração sobretudo através do sem sentido de grande parte dos acontecimentos desse período. Criação de imagens míticas, porque, não tendo a possibilidade de penetrar na natureza perdida da infância, só nos resta imaginar, ou seja, aproximarmo-nos desses acontecimentos armados da visão ordenada do estado adulto, da lógica causal e finalista.

Eis porque na velhice tendemos ou a exaltar ou a condenar o tempo da infância. Estes dois movimentos possuem, no entanto, a mesma origem e natureza: a deficiên-

cia absoluta da nossa visão desse passado – que não é propriamente passado – e a necessidade de nos apropriarmos dele como algo realmente nosso.

A infância é o período em que vamos constituindo o nosso mundo, a casa que iremos habitar nos anos vindouros. Na infância não existe ainda este nosso mundo. Há apenas o mundo, o mundo total e absoluto, o mundo a que pertence tudo o que vemos, ouvimos ou cheiramos. Tudo coisas que não são nossas, que não pertencem a um eu, que não podem ser reclamadas na sua inteireza, mas apenas em alguns traços que ficam e que se vão inserir no nosso mundo de uma forma simultaneamente ordeira e mítica.

Fica-nos um cheiro e esse cheiro é de nada, um som, igualmente de coisa nenhuma, uma imagem desfocada na qual não conseguimos reconhecer nenhuma coisa em concreto, mas antes uma espécie de contínuo onde, por vezes, ocorrem irrupções – isso que origina as imagens que ainda retemos.

Tudo isto acaba por ser justaposto à nossa história de vida como a sua origem, os seus primeiros momentos, os instantes em que vivíamos ainda no reino da liberdade. Felicidade ou dor tornam-se elementos dominantes dessa memória e muitas vezes tornam-se o passo em falso que damos no intuito de criar uma história.

É claro que quando o fazemos não temos verdadeira consciência da dificuldade nem desse falseamento. De tal maneira que na velhice nos refugiamos tantas vezes no tempo primordial da nossa existência encontrando nele uma espécie de apaziguamento e, ao mesmo tempo, de uma certa amargura por já não estarmos a viver esse modo de ser. Mesmo que as recordações sejam más, sejam de sofrimento, há sempre nelas algo de redentor que não conseguimos encontrar na nossa existência actual. Dificilmente achamos que tudo foi mau. Encontrámos sempre uma espécie de aconchego nem que seja no simples adormecer no fim de um dia doloroso.

A infância é um misto de recolhimento e de expansão absoluta.

### **A infância como inexistente**

Quando, no estado adulto, buscamos a infância, seja com a intenção de recuperá-la, seja como meio de afastamento da mundanidade própria do adulto, a verdade é que nos encontramos diante de um abismo dificilmente franqueável. Buscamos algo de sólido, mas apenas encontramos uma realidade extremamente frágil que somos

obrigados a cristalizar na forma de uma fase da vida. Ora, a infância é o exacto contrário disso: não é uma fase da vida, mas algo que não é ainda a nossa vida, a nossa história, nem tão pouco alguma espécie de pré-história. Somos nós, enquanto adulto sedento de uma coisa radicalmente diferente daquilo que é a nossa vida que provocamos a cristalização dessa fragilidade e criamos artificialmente uma fase da nossa vida que não existia.

A infância não existe no mundo e só o que existe no mundo possui uma verdadeira existência. Isto, obviamente, não retira realidade à infância; apenas expõe a sua natureza radicalmente distinta dos objectos do mundo, das lógicas do mundo, dos entes do mundo.

Na verdade, a infância, na medida em que é não existente, possui muito mais realidade do que os factos do tempo histórico da nossa existência na medida em que não está dependente de uma ordem em que os acontecimentos se integrem, nem de uma lei que assegure a legitimidade do que acontece. Os eventos da infância não precisam de legitimação: eles são, independentemente de algo que os fundamente ou simplesmente justifique. Tudo o que acontece na infância é da ordem do injustificável e é essa injustificabilidade que é interpretada pelo adulto como carência de justificação, como aleatório. Trata-se simplesmente de acontecimentos selvagens.

13

## **O maravilhoso**

### **A arte e o maravilhoso**

Frequentemente considera-se o universo infantil como maravilhoso. Todavia, o maravilhoso é uma categoria absolutamente alheia à criança. Só o adulto sabe o que é o maravilhoso e atribui esse nome a uma tal realidade.

Para a criança, o 'maravilhoso' é a própria realidade, toda a realidade. O maravilhoso do adulto é o real da criança. Na verdade, a criança maravilha-se com a realidade, uma realidade de que o adulto está afastado por natureza. O encanto da coisa enquanto coisa perde-se no adulto na exacta medida em que a coisa se torna objecto, seja mero utensílio, seja a mais significativa das obras de arte.

O que talvez se possa considerar como um resto da realidade a que a infância tem acesso é a arte, ou alguma arte.

Em tempos, também a arte foi real. Também a arte encantou o ser humano, também a arte colocou o homem na rota do real. Isto, antes de se tornar objecto especial, arrancado à realidade e colocado num lugar à parte, num lugar que parece conferir-lhe a natureza real que cada vez mais lhe falta.

Mas podemos ainda encantarmo-nos com o que se escreve ou pinta para a criança. Nesse tipo de obras – tão diferentes do que hoje se entende por arte – podemos recuperar em parte a realidade de que nos afastamos radicalmente. Mas essa recuperação só é possível se esquecermos que se trata de ‘coisa para crianças’, de objectos intencionalmente criados.

De facto, quando a arte perdeu toda a capacidade de encantar, toda a possibilidade de nos ligar à realidade mais funda do que a que é constituída por sujeitos e objectos, o que permanece dotado da capacidade de nos ligar ao real é uma certa poesia e esta literatura – na qual não podemos desligar a escrita e a arte – porque nela a linguagem – como em toda a poesia superior – não constitui um domínio de nomeação e de ordenação do real, mas palavra mágica que convoca os elementos mais autênticos da realidade, isto é, os menos contaminados pela cristalização mundana.

14

Na arte, hoje, é frequentemente em autores da chamada arte ‘naïf’ que encontramos o verdadeiro maravilhoso, enquanto a arte ‘oficial’ se transformou num domínio de experiências inteiramente dependentes da linguagem e, diz-se, do conceito. Na verdade, se compararmos o discurso de um artista plástico contemporâneo com a sua obra somos obrigados a um exercício de sobreposição do discurso à obra. Um outro discurso inteiramente diferente funcionaria de modo igualmente perfeito. É que os discursos não são adequados à obra: é o artista e o espectador que efectua esse trabalho de adequação. Evidentemente que nestas condições não há lugar para qualquer tipo de maravilhoso.

### **Infância e poesia**

Há uma grande proximidade entre infância e poesia. Não porque a poesia tenha uma capacidade especial para recuperar o irrecuperável da infância, mas porque, tal como a infância, também a poesia se cristaliza constantemente em algo de ‘adulto’, quer dizer, de mundano: o poema. E tal como a infância é irrecuperável pelo adulto, também a poesia é irrecuperável pelo poema. Por mais que o poema tente permane-

cer fiel à experiência da poesia, não consegue mais do que ser uma poesia cristalizada, reduzida a uma qualquer forma legal, mundana, reconhecível pelos sujeitos que o tomam por objecto.

De acordo com Bachelard, é esta presença da infância que, em certas circunstâncias, pode dar origem à poesia: «Um excesso de infância é um germe de poema» (Bachelard, 1996, p. 95).

A mesma coisa pensa Teixeira de Pascoaes que escreve: «A infância vive sempre connosco. A inspiração do Poeta é ainda a sua infância sobrevivendo» (Pascoaes, 1995, p. 130).

### **A verdade das coisas**

O que se mostra ao adulto como o maravilhoso próprio da infância é, na realidade, resultante da manifestação das coisas na sua verdade, independentemente da rede de funcionalidades, de relações e de projecções que constituem os objectos do mundo adulto. Por isso, o acesso ao estado adulto implica uma substancial perda de intensidade em tudo o que é experimentado, sendo essa experiência de intensidade da criança substituída por uma hierarquia de qualidades que presidem à ordem do mundo. Veja-se como Pascoaes fala da experiência típica da infância:

O encanto que eu descobria em tudo, nesse tempo! Este encanto era a verdade das coisas reveladas. Eram os meus olhos imaculados, não há aparências, só almas. (Pascoaes, 2001, p. 62).

E numa passagem imediatamente a seguir, alarga o âmbito da análise referindo o momento em que a experiência infantil é abandonada, momento que Pascoaes identifica com o primeiro momento da morte:

A infância é luz perfeita, visão perfeita. As criaturas aparecem-lhe como Deus as fez. E vivemos encantados até à hora do pecado, que é o primeiro instante da nossa morte. (Pascoaes, 2001, p. 62).

Trata-se de viver sem que alguém nos diga o que é viver, como é viver, como se deve viver, e o que há de interessante na vida.

Este tipo de impulso não lida com conteúdos, mas com intensidades. Compara a intensidade das experiências próprias da sua existência adulta com a memória da

intensidade incomparavelmente mais forte das experiências da infância. Note-se que, neste caso, o adulto não tem necessidade de propriamente recuperar experiências ocorridas num lugar diferente daquele que ocupa no presente; precisa apenas de comparar a intensidade das suas experiências comuns actuais com certas experiências incomuns igualmente actuais e compreender que a intensidade singular destas outras é semelhante ao que sentia na infância. Ou seja, não regressa à infância, mas a infância vem ter com ele a partir de experiências actuais.

O adulto percebe a causa da falta de intensidade da experiência comum e ao percebê-lo, torna-se mais capaz de imaginar a natureza da liberdade e o modo como essa liberdade depende de não estar submetido à ordem mundana.

A perda da intensidade resulta do facto de o que nos move resultar de indicações externas, isto é, de desejarmos e termos prazer com coisas que o sistema considera valiosas e cujo valor nós assumimos como nosso.

## **Bibliografia**

16

Bachelard, G. (1996). *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes.

Knausgård, K. O. (2015). *A minha luta 3 – A ilha da infância*. Lisboa: Relógio D'Água.

Nietzsche, F. (1996). *Assim falava Zaratustra*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Pascoaes, T. (1995). *Senhora da Noite e O verbo escuro*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Pascoaes, T., (2001). *Livro de memórias*. Lisboa: Assírio e Alvim.